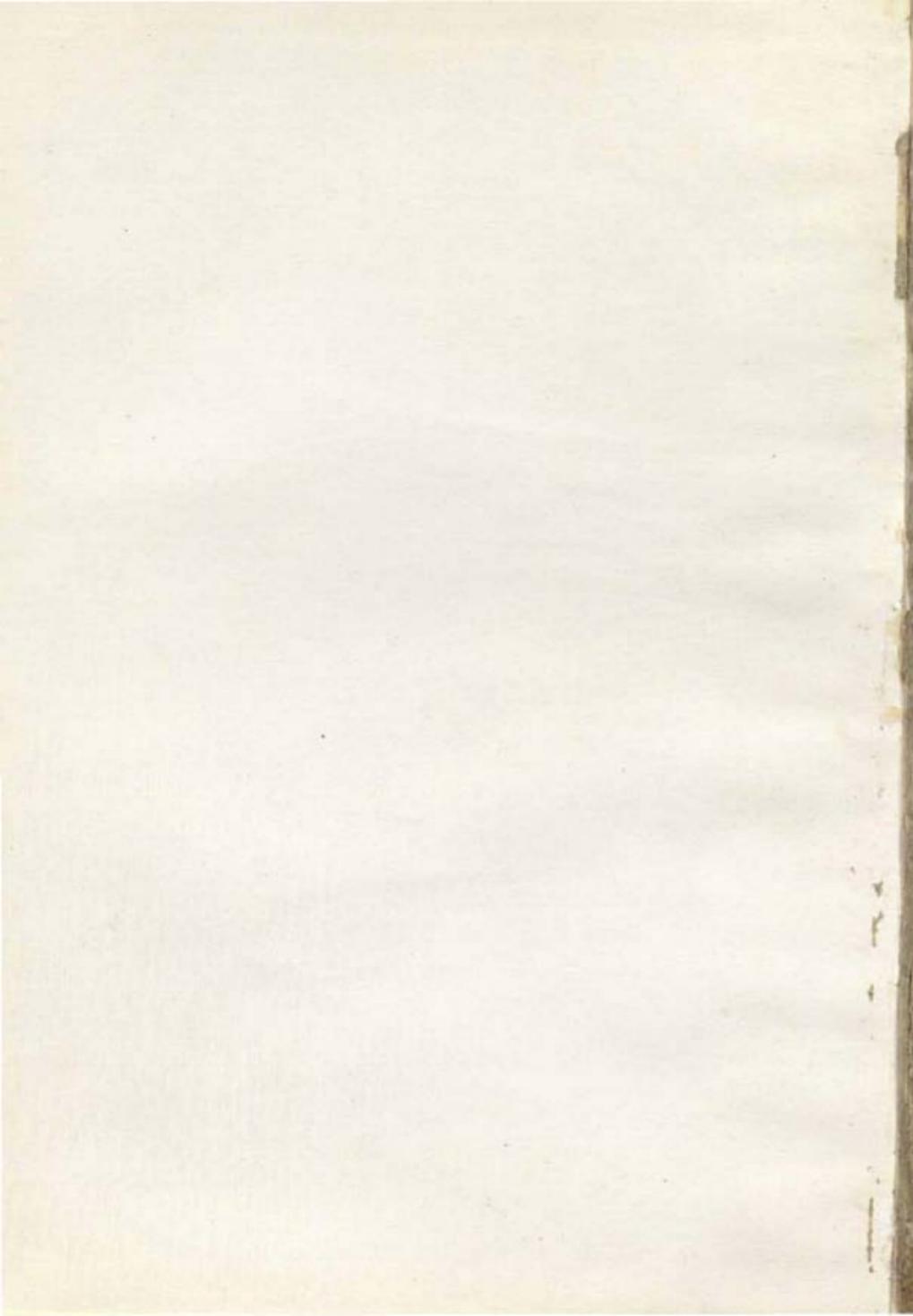


BIBLIOTECA  
DO SENADO  
FEDERAL.

RODOLPHO PAIXÃO

SCENAS DA ESCRAVIDÃO

V  
B869.1  
P149  
sep  
1882



RODOLPHO PAIXÃO

# SCENAS DA ESCRAVIDÃO

POEMETO

VICTOR HUGO E CASTELLAR

SENIO



RIO DE JANEIRO

NA LIVARIA DE SERAFIM JOSÉ ALVES—EDITOR

83—Rua Sete de Setembro—83

|  |        |
|--|--------|
| <b>PLACIDO DE ABREU</b>  |        |
| A crapula, poema realista, segunda edição, 1 v.....                                    | 18000  |
| DR. LUIZ CARDOSO   |        |
| Collecção de modinhas, recitativos, etc., 1 v.....                                     | 18000  |
| CARLOS FERREIRA  |        |
| Bedivivas, poesias 1 v.....  | 38000  |
| ANTONIO FIGUEIRA   |        |
| Adejos 1 v.....  | 18000  |
| MARIUS   |        |
| Volubilis, poesias, 1 v.....   | 28000  |
| ANTONIO MOREIRA DE VASCONCELOS   |        |
| Aljofaras, poesias.....  | 18500  |
| JOSE' BAZILIO DA GAMA  |        |
| Uruguay, poema.....  | 18000  |
| CARLOS D'ESTE  |        |
| Historiophobia, lições de historia universal.....                                      | 18000  |
| GONCALVES DIAS   |        |
| Obras posthumas, com autographo do immortal<br>poeta 6 v.....                          | 208000 |
| LUIZ JOSE' PEREIRA DA SILVA  |        |
| Olnacia, poema romance.....  | 28000  |
| ARTHUR AZEVEDO   |        |
| O dia de finados, satyra com vinhetas.....   | 8400   |
| JOSE' DE MORAES E SILVA  |        |
| Os dous piratas .....  | 8100   |
| DR. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO   |        |
| Mazellas da actualidade.....   | 18000  |
| CAETANO DA SILVA   |        |
| Folhagens.....   | 28000  |
| LOPES  |        |
| Lamentos, poesias.....   | 14000  |
| ARAUJO FILGUEIRAS  |        |
| Idyllios.....  | 28000  |
| GOMES LEAL   |        |
| A fome de Camões, poema.....   | 18000  |
| Claridades do sul.....   | 28000  |
| A traição.....   | 8200   |
| DOMINGOS JACY MONTEIRO   |        |
| Canto e Soneto à memoria de Gonçalves Dias.....  | 8200   |
| LEITE MACHADO  |        |
| Amor conjugal, poema em 3 cantos.....  | 8400   |
| NOVAES   |        |
| Novas poesias acompanhadas de um juizo critico de<br>Camilo Castello Branco 1 vol..... | 28000  |

A' Bibliotheca Pábilca  
RODOLPHO PAIXÃO

Opus o autor R. Paixão  
**SCENAS DA ESCRAVIDÃO**

POEMETO

VICTOR HUGO E CASTELLAR

SENIO

RIO DE JANEIRO

NA LIVARIA DE SERAFIM JOSÉ ALVES—EDITOR

83—Rua Sete de Setembro—83

B869.1  
P149  
Sep  
1882

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado  
sob número 3324  
do ano de 1974

## LÊ DE

---

A' vós, moços cheios de aspirações e nobres impulsos ; á vós, frontes encanecidas nas lides da vida practica, e em cujos corações, a caridade, essa flôr mimosa, candida e bella, brotada dos labios sacrosanctos do Redemptor, ainda não fôra crestada pelo gêlo da indifferença e do egoismo ; eu offereço este humilde e despretencioso trabalho !

Ahi vereis tres poesias :—a primeira é a filha querida de minha alma ; escrevi-a aos vinte annos, quando alizava os bancos da academia militar, onde formei-me. Foi alli, tendo a meu lado uma pleiade de moços de talento, companheiros inseparaveis de minhas lides litterarias : Henrique Guanabara, mimoso e malogrado poeta, Pedro Ivo, Luiz Zmith, Dantas Barreto, Corrêa, desse distincto e modesto moço—Urbano Duarte, hoje uma gloria da escola, de Licinio Cardoso, Tito Amaral e muitos outros, que eu alinhavei essas semsaboronas strophes.

Por Deos, não queiraes encontrar n'ellas, fórmā e concepção poeticas, perdereis o vosso precioso tempo ! Mas algum direito, ó almas prodigas, têm á vossa bondosa indulgencia.

Sabeis o que são essas strophes ? Eu vos digo :—São o grito de uma alma de moço, que estremece a sua patria e não detesta a humanidade, contra a instituição indigna, hedionda e infame, cujo pavilhão denegrido por ahi fluctua e baloiça, aos ventos livres d'esta terra da America !

São um protesto contra a mais monstruosa das iniquidades ; contra a mutilação atróz do mais sagrado dos direitos do homem—a liberdade ; contra o facto anormal, que nenhuma escola philosophica, á menos que não desfralde os extravagantes principios aristotelicos, pôde sancionar e explicar ! Por isso desculpae a pequenez do trabalho, pela nobreza de intenção d'aquelle que, fallando pela primeira vez em publico, aos dezaseis annos de idade, foi para defender a lei de 28 de Setembro, que melhorava, de algum modo, as condições d'esses infelizes, creados réprobos pela injustiça dos homens.

Publicando-o, só tenho em mente obter pequeno óbolo, para livrar das garras a duncas do captiveiro, um desgraçado ser, cuja historia vou contar-vos :

Ha dias, indo eu visitar um amigo, encontrei-me com uma senhora da melhor sociedade, representante de uma familia, cujo nome está escripto em muitas paginas glorioas de nossa historia.

Essa excellente senhora, que muito impressionou-me

pelas suas nobilissimas qualidades, estava acompanhada de interessante moça, de cerca do vinte annos de idade, côr escura, trajada com certo gosto.

Toca muito bem piano e é dotada de uma educação invejavel.

Pois bem, a mãe de tão gentil quão inditoso ente, é captiva ! E mais ainda, no dia em que ella seguia para a igreja, assim de receber os laços matrimoniaes, contara-m'o, a distincta senhora, aquella que lhe deu o ser, marchava, entre dous pedestres, para a correcção ; porque não tinha dado o jornal á tempo !

Olhai bem para esse quadro, fielmente tirado de nossa sociedade, e dizei-me se ha maior dôr para um coração susceptivel de sentimentos delicados; para uma alma cuja intelligencia cultivada, comprehende toda a grandeza da infelicidade e aviltamento que a cerca ?

E' o que tinha a dizer-vos ; quanto as outras duas poesias, deixo-as ao vosso criterio litterario.

Côrte, Maio de 1882.

RODOLPHO PAIXÃO.



---

---

SCENAS DA ESCRAVIDÃO

---

---

CHURCHILL LIBRARY

SCENAS DA ESCRAVIDÃO

I



Era uma noute bella ! a cupola sombria  
Despira pouco á pouco o véo da escuridão ;  
E a lua brandamente, á terra que dormia,  
Nos raios seus mandava a doce saudação.

Sahi.... o céo era bello,  
A terra bella tambem ;  
Queria cantar, qu'é fado,  
De um peito que maguas tem.

Queria, á Deus, minhas queixas  
Mandar, em doces endeixas,  
Nas azas da viração :  
Que o vate, pobre mendigo,  
Não tem sequer um amigo  
Que o peito lhe escute, não !

Cantei, mas era meu canto  
Suffocado pela dor ;  
Era o pranto de minha alma,  
Qu'eu mandava ao Creador.

N'este silencio de morte,  
Dizia, quem de seu norte  
A senda procura em vão ?  
Quem, dos homens, foragido,  
Vem carpir, entristecido,  
As maguas do coração ?

Quantas vezes nossa mente  
Um pensamento não tem,  
Que um facto apóz, sem demora,  
No mundo cumpril-o vem ?  
Assim foi—no meu roteiro,

Além, diviso um ribeiro,  
Mansamente a deslizar ;  
E os astros que scintilhavam,  
De vez, um raio mandavam  
As aguas suas beijar ;

Mas emquanto, n'esta scena,  
Que prendera os o'hos meus,  
Contemplava, extasiado,  
A magestade de Deus,  
Pelas aguas do ribeiro,  
Aos impulsos de um remeiro,  
Descia humilde batel ;  
E o remeiro maldizia,  
Em um canto de agonia,  
O seu destino cruel....

O batél que eu divisára,  
Na minha frente parou ;  
E o trovador, que cantava,  
O meu fallar escutou :  
—N'este teu batél veleiro,  
Pelas aguas do ribeiro,  
Onde váes, ó remador ?

Si cantas ? eu tambem canto,  
 Si choras ? eu verto pranto  
 D'um peito que sente dor !

Oh ! falla, que eu tambem quero,  
 Comtigo, vate, cantar :  
 Que possa sincero canto  
 Os nossos peitos ligar !

« Eu sou misero prescito,  
 « Que na fronte traz inscripto  
 « O signal da maldicção ;  
 « Tenho um peito nobre, altivo,  
 « Mas, q'importa? sou captivo,  
 « Vergonha eterna, irrisão !

« Descreio de Deos, de tudo,  
 « Não tenho patria nem lar :  
 « Que Deos se tornara alheio  
 « A' meu constante chorar !  
 « Ao nascer fui condemnado  
 « A' vêr o solo manchado,  
 « De meu sangue e meu suôr ;  
 « Das turbas escarnecidô,  
 « Sim, que o sangue denegridô  
 « Não as faz tremer, d'horror !

« Minha mãe, est'hóra, ao tumulo,  
« Talvez esteja á descer :  
« As carnes rótas estavam,  
« O sangue d'ella á correr !  
« E a desgraçada gemia,  
« Aos açoites que brandia,  
« Possante pulso d'algoz.  
« De vingança eu tenho sêde,  
« Ella, á mim, vingança pede,  
« Vergada ao castigo atróz !

« Heide vingal-a, mas, antes,  
« Minha irmã quero abraçar ;  
« De meu pranto, as faces suas,  
« N'um beijo quero molhar :  
« E' como orvalho que a rosa,  
« Pendida n'haste mimosa,  
« Faz reviver de manhã,  
« O rócio que a dôr acalma,  
« O rócio que vertem n'alma,  
« Os beijos de nossa irmã !

« Quero vel-a, adeus, ao Monge !  
« Muito tenho que remar,

« E' bem tarde, ao longe vejo

« A estrella d'alva á brilhar.

Descera o batel veleiro,

Pelas aguas do ribeiro,

Ao sopro da viraçao ;

O manto niveo vestindo,

A aurora vinha, sorrindo,

Despertar a creaçao.

---

## II

Ao doce raiar d'aurora,  
A noute fugira, breve ;  
E a natureza dormente,  
Aos raios da luz fulgente,  
Se despertára, de leve.

Quantos encantos que vinham  
A minha vista prender !  
Oh que divina harmonia,  
Que minha alma percebia,  
Nesse lindo alvorecer !

As aves trinando canções amorosas,  
Alegres, saudavam o sol, que surgia ;  
E o mundo, que a noute no seio embalára,  
Da vida ao bulicio, contente, volvia.

E tudo era bello ! mas ah ! quanta infamia  
 Formava contraste com tanto esplendor !  
 A' par d'esse quadro que a mente enlevava,  
 Que hórridas scenas, que transes de dor !

E os homens propalam á face do mundo :  
 —Que tudo progride, que o sec'lo é de luz—  
 Porém não se lembram dos vis desgraçados  
 Que jazem curvados ao peso da cruz !

Q'importa que o sangue d'irmãos se derrame ? !  
 Q'importa que o negro resvále no chão ? !  
 —Referva nas taças o nectar divino,  
 Nasceram captivos, maldictos serão !—. . . .

Os céos, a terra, tão bellos,  
 Tão triste o meu coração !  
 Esquecer, eu não podia,  
 A dolorosa impressão.  
 Oh ! não, aquelle prescito,  
 Pela cobiça maldicto,  
 Que coimmigo se encontrou,  
 As maguas carpindo, terno,

D'amisade, em laço eterno,  
O seu peito ao meu ligou :

Si d'um arbusto que medra  
Viçoso, lindo, loução,  
A seiva que lhe dá vida,  
Vem roubar ingrata mão,  
Elle murcha, empallidece,  
Pouco á pouco des'parece,  
Do vento ao rijo soprar :  
Assim desinham douz peitos,  
Que ligam laços estreitos,  
Se alguem os vem separar !

Ao Monge, exclamei, ao Monge !  
— O trovador quero ver : —  
Um peito que d'outro vive,  
Como sem elle viver ?

Pelas aguas do ribeiro,  
Aos impulsos d'um remeiro,  
Humble batél desceu ;  
E quem suas maguas chorava,  
No batél que deslizava,  
Já saheis, leitor, ér'eu.

## III

Na fralda sombria de um monte elevado,  
De densas florestas e bosques cercado,  
Nos tempos d'outrora, da fé no esplendor,  
Modestas choupanas e um templo fizeram,  
Humildes ascétas, onde elles disseram,  
Aos filhos das selvas, a voz do senhor.

E os doceis selvagens, que a cruz abraçaram,  
Das pobres choupanas, ao lado, fundaram  
Aldeia que o nome de—Monge—tomou.

Passaram-se os tempos e a aldeia sumira,  
Porém, nos lugares onde ella existira,  
Perduram ruinas e o nome ficou.

E d'essas ruinas, á beira de um rio,  
Que as selvas inunda fremente, bravio,

Pequenas palhócas se vêm ao redor.  
 E' tudo tristonho n'aquellas paragens :  
 Os troncos vetustos, as densas folhagens,  
 Do sól absorvem a luz e o calor.

Descendo o ribeiro, na margem direita,  
 Apóz um rochedo, passagem estreita,  
 Por entre florestas espessas, vereis ;  
 Por ella seguindo, si virdes um prado,  
 De flores agrestes repleto e bordado,  
 Passai-o, que os sitios do—Monge—tereis.

Eis pois, descripto, do Monge,  
 O triste logar, leitor ;  
 Monge ! que nome sinistro,  
 Que nome que inspira horror !  
 Oh ! não ergamos o manto,  
 De sangue tinto e de' pranto,  
 Que tanta infamia cobriu :

Houve Nobregas, Anchietas,  
 Sublimes, grandes athlétas  
 Da fé que nos redimiu !

Os peitos nobres, indomitos,  
 Auréolas cheias de luz ;

Que nas florestas plantaram  
O sancto symb'lo da cruz.  
Estes não eram hyenas,  
Que as garras vinham, serenas,  
No humano seio cravar ;  
E no sangue crepitante,  
Da victimá agonisante,  
Os labios seccos molhar !

Não foram elles que outr'ora,  
Apunhalando a razão,  
Atiraram Galiléo  
A's portas da inquisição !  
Os homens que á Deus trahiam,  
Que sob as vestes traziam,  
Homicidas, o punhal ;  
Que fizeram do sudario,  
O mais vil depositario,  
Dos beijos da saturnal !

N'esses peitos denegridos,  
O crime sempre pairou :  
Não foi bastante o anathema,  
Do sec'lo que os fulminou !

De sangue sempre sedentos,  
Conseguiam seus intentos,  
Pervertendo os corações :

D'elles é negra a memoria,  
A'quelles, concede a historia,  
Fulgentissimos florões.

---

## IV

Descendo o manso ribeiro,  
Velóz, ao trilho cheguei,  
Que pelos sitios do — Monge—  
Vae passar ; por elle andei.  
Transpúz espessa floresta,  
Onde não vira uma frésta  
Que a luz trouxesse do céo ;  
Não tinha medo, que o medo  
Não paira em peito, que cedo,  
Do mundo e tudo descrêu.

Deixando o covil das feras,  
Quanto não me achei feliz !  
Do prado, que flores bordam,  
Diviso o lindo matiz.  
Alli chego, voz sonora,

De um peito que triste chôra,  
 Aos meus ouvidos chegou:  
     Quem estas doces endeixas,  
     Soltando, cheias de queixas,  
     Da lyra a corda vibrou ?

De quem esta alma inditosa,  
 Que a taça de fél sorveu ?  
 De quem o peito partido,  
 Das miserias, no escarceu ?  
 De quem a voz, eu dissera,  
 Tão triste, que dilacéra  
 As fibras do coração ?  
     Eis que de novo rebôa,  
     Perdida, boiando a tôa,  
     Pelos mares d'amplidão:

« Ai não blasphemô, que m'importa o mundo,  
 « Paúl profundo de miserias vis ?  
 « Q'importam dores, agonias d'alma,  
 « Si espero a palma n'um viver feliz ?!  
  
 « A vida triste, que passado tenho,  
 « Carpir eu venho na feral soiidão ;

*BIBLIOTECA  
SENADO FEDERAL*

« Ai não blasphemó, que de Deus, minha alma  
do Espera a palma na feliz mansão !

« Ai não blasphemó, do cruel martyrio  
Leda, em delirio, não maldigo á Deus;  
« Ai não ! eu choro, que chorando esta alma  
« A dor acalma dos tormentos seus !

Pé ante pé, me approximo,  
Vejo uma mulher, então,  
Desfeita em pranto, co'a face  
Apoiada sobre a mão.

Seus trajes eram singelos,  
Os olhos negros e bellos,  
A cutis negra tambem :  
Filha da raça maldicta,  
Desgraçada ismaelita,  
Do mundo eterno desdem !

O tu que choras, lhe disse,  
Porque tu choras assim ? !  
Falla, que um peito sincero,  
Infeliz, terás em mim.

« Porque choro ? E' que a desdita,  
« Diz ella, não mais hesita,  
« A minha fronte sellou ;

« Sou moça, mas já descrida,  
 « Aborreço o mundo, a vida,  
 « Que o mundo esta alma gelou !

« Se visses tua mãe, pendida,  
 « Do azorrague ao estalar,  
 « Gritando : O' filho valei-me,  
 « Vinde meu pranto enhugar !  
 « E perto, bem perto d'ella,  
 « Tu não podesses valel-a  
 « Naquella triste afflicção ;  
 « Se visses agrilhôado  
 « E sob férros curvado,  
 « O teu desgraçado irmão;

« Não choráras ? Oh ! e muito,  
 « Tão duro peito não ha :  
 « Quem tal vendo, pranto ardente  
 « Aos olhos seus não virá ? ! »

E em soluços suffocada,  
 Delirante, desgrenhada,  
 Concluiu. Chorei tambem :  
 O vate é sempre sensivel,  
 Em seu peito ineshaurivel,  
 O pranto sempré elle tem.

Os olhos, além, volvendo,  
Ella atirou-se no chão,  
Com vóz dorida exclamando :  
« Ai ! é elle, é meu irmão ! »  
Um grupo diviso, perto ;  
De ferros, todo coberto,  
N'elle vinha o trovador ;  
Seguiam seus passos tremulos  
Dous feitores, dinos emulos  
Do tyrannico senhor.

Por nós passando elle pára,  
Cheio de pasmó e de horror:  
« Adiante ! os feitores bradam,  
« Negro não pôde ter dôr ! »  
M'encarando, elle estremece,  
Nessa hora não desconhece  
A' quem suas magoas contou ;  
E o grupo deixando o prado,  
De agrestes flores bordado,  
Nas florestas se occultou.

---

## V

Segui-os tristemente e fui em meu percurso,  
Sentindo n'alma a dôr das consciencias puras,  
Ao ver a scena vil, o deshumano quadro,  
Que desdobramos nós ás gerações futuras !

O' vós que daes ao negro a morte, impunemente !  
E d'alma lhe roubaes, com cynicas razões,  
A doce liberdade, a dadiva sublime,  
Que Deus á todos fez sem tòlas excepções,

Medi, eu vos imploro, a vossa iniquidade :  
O escravo—esse infeliz—de carne e osso é feito ;  
Não vedes que el'e tem um peito como o vosso,  
Que sob a cutis preta ha corações de eleito ? !

. . . . .

Chegamos á senzala, alli se via,  
De mãos atadas, c'o pisado sangue  
Correndo em borbotão ;

Do vate a velha mãe, desfeita em lagrimas,  
Ao barbaro senhor, qu'inda acoitava-a,  
Pedindo compaixão !

Volvendo-se, o malvado os olhos préga  
No misero captivo, cujos passos  
Conhecera, ao entrar.

Satannico sorriso aos labios vem-lhe,  
Qual féra que se alegra, ao vêr a presa,  
Onde as garras cravar.

E diz-lhe : Desgraçado o que fizeste ?  
« Pênsáras, por ventura, eternamente,  
« Aos olhos meus fugir ?  
« Insensato que foste ! o bosque, a selva,  
« A natureza inteira não podia  
« Teus passos encobrir !

« Tanta ousadia pagarás bem caro;  
« O' lá, feitores, estas pégas fóra ;  
« Amarrem-n'o ao mourão !  
Elle ouviu, em silencio, tal infamia,  
Tendo na mente da vingança a idéa,  
E fél no coração !

Do senhor, o vergalho estála ainda,  
A negra não resiste, já sem forças,

Sobre o chão desfallece !  
Da colera o furor os labios sécca,  
Do filho, que a mãe vê n'aquelle estado,  
E o mourão estremece.

As cordas arrebenta, as mãos dirige  
Sobre um punhal, e rapido se atira  
Ao barbaro senhor :

« Treme assassino ! minha mãe mataste  
« E as nodoas que deixára o sangue d'ella,  
« Diz-lhe cheio de dôr :

« Teu proprio sangue, aos céos aqui eu juro,  
« Laval-as hade sobre as vestes tuas,  
« O' monstro sem igual !  
« Socorro ! vezes tres —, socorro ! —brada  
O verdugo feróz, que via proximo,  
O momento final.

Seus gritos escutou a terna filha,  
Que ao lugar da terrivel scena corre  
Veloz, em commoção ;  
Oh que aspecto imponente, a virgem candida,  
Qual a branca bonina, no desmaio,  
Apresentava então !

—Ah! não mateis meu pae,—convulsa exclama,  
E offerece o niveo seio, palpitante,  
Por elle, á expiação ;  
Ardente pranto em borbotões jorrava  
Dos olhos seus mimosos. Treme o vate,  
Cahe-lhe o punhal da mão !

Cedeu ! aquelle peito altivo e nobre,  
Ao fitar da candura a doce imagem,  
Humilde se curvou !

Depois, da pobre mãe, o peito gelido,  
D'onde fugira para sempre a vida,  
Contra o seu apertou.

Verteu amargo pranto.... não podendo  
Tão duros golpes supportar da sorte,  
Scismou e enlouqueceu;  
Poucos dias, apoz, abrio-se um tumulo,  
E alli foi descançar em paz perpetua,  
Quem tanto padeceu !

Corte, 1874.

---

---

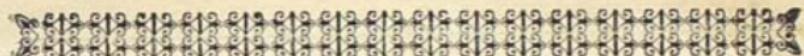
---

VICTOR HUGO E CASTELLAR

---

---

PLAISTOWS ESTATE ATTONY.



## VICTOR HUGO E CASTELLAR

---

### I

Dois genios colossaes, na fronte excelsa,  
Auréola trazem de fulgente brilho :  
Atalaias que espreitam, na estacada,  
Do sec'lo a marcha ; e se elle deixa a senda  
Do progresso, da luz, da liberdade,  
Eil-os que surgem no luctar titaneo,  
O arrastam do desvio, o abysmo mostram-lhe,  
A vereda aclarando entre os cachópos !

Oh ! e a França, a nação das epopéas,  
O povo que memora tantas glorias  
De um passado de lucta e de fulgores !

A virgem que rasgando o niveo seio  
Nos alfanges reaes, banhada em sangue,  
Bradara altiva—Liberdade aos povos— !

E a França, de Voltaire, a mãe sublime,  
Voltaire—o pensamento, o vasto genio  
Que as letras, a sciencia, o povo e tudo,  
Erguera do profundo, immenso pélago !  
No seio recebera o fructo excelso,  
A estrella cuja luz, primeiro, ao longe...  
As trévas devassando aclara o porto.

E a Hespanha, a bella Hespanha desítosa !  
Pobre Ashavérus que procura, embalde,  
A liberdade, que lhe foge sempre !  
Em partilha tivera eximia dadiva :  
Assim devera ser, dois povos grandes,  
Vergonreas de um só tronco, irmãos em tudo,  
Merecem contemplar, em doce amplexo,  
Tam bellos fructos dos secundos seios !

Esses genios tam grandes como o seculo,  
Que as trévas devassando, o mundo guiam,  
Que á luz dos verbos avassallam póvos  
E os thronos despedaçam n'um momento ;  
Os astros que alem mostram, entre as brumas,  
Replecto d'esplendor, o vasto templo,

Que procura a descrida humanidade,  
Onde possa da luz e do progresso  
Effluvios aspirar, beber a vida,  
Que sente lhe faltar aos lassos membros,  
O mundo os chama—Victor Hugo, o craneo,  
E Castellar, o verbo, os dois gigantes,  
Que nos destroços de corruptos sceptros,  
Da liberdade o pedestal assentam !

---

## II

Por entre as franjas do horizonte immenso,  
Reflecta nuvem, que surgira negra,  
Segue do sol o luminoso trilho ;  
Augmenta, cresce, accelerando a marcha,  
O alcança, ao meio, na veloz carreira,  
E sobre a face lhe estendendo o manto,  
Cobre de trévas à cerulea abobada :  
Rompe-se a nuvem, a tormenta passa,  
Da luz aos raios, deslumbrada, a França  
Sublime anceia em divinal transporte :  
E' do povo o gigante pulso, enorme,  
Que despedaça carcomido throno ;  
E' Lamartine, o portentoso vulto,  
Que arrasta a populaça e nas ruïnas  
Desfralda altivo a tricolor bandeira !

De novo em trévas se envolvera o espaço,  
Funéreo manto se distende ao longe :  
E' Bonaparte que desponta lúgubre,  
E traz a infamia no corrupto peito,  
Nos regelidos labios a perfidia,  
Nas descarnadas mãos, de fraticida,  
O punhal que da patria o peito rasga,  
E a hórrida mortalha, que mais tarde,  
Cobril-a deve, de Sedan, no tumulo !

« Detem-te, despota, na furia insana ! »  
Herculeo vulto lhe bradára ao longe,  
« Detem-te, ! eu surjo na gigante lucta,  
« E o povo segue, no luctar titaneo,  
« O athleta enorme que biparte o gladio,  
« No frio peito de cruel verdugo !  
Treme o tyranno, empallidece ao brado,  
E grita a côrte que lhe beija as plantas :  
« Para Jérsey, senhor, exilio ao genio ! »  
Oh ! foste louco, que apagar não pode-se,  
Um astro, que no gyro, sobre a terra,  
Catacupas de luz derrama prodigo !  
Da curva que descreve, cada ponto,  
Mandára um raio p'ra offuscar-te os olhos !  
Desgraçada irrigão gelou-te os labios !

Da triste Jérsey, nos penedos calvos,  
Cuspira-te nas faces descoradas,  
Pelo livido beijo da perfidia,  
—*Os Miseraveis*—Colossal vingança !!  
Auréola que do genio a fronte cinge,  
Deifica, immortalisa o nome egregio !

Foi grande teu delirio, Bonaparte,  
E grande a insania que cegou-te os olhos !  
Icaro, que no vôo beija a terra,  
Tentaste, louco ! disputar o lance,  
A' aguia altiva que não mede o espaço,  
E cahiste de rôjo sobre o lôdo,  
D'onde surgiste por fatal acaso !

---

## III

Um povo nas angustias debatia-se,  
Opprimido, curvado ao jugo ferreo  
Que a seiva lhe sorvia, o sangue, a vida,  
E a voz do verbo que electriza a plebe,  
A' queda arrasta o corrompido throno.

Das bellas plagas da formosa *Cid*,  
Excelso palco dos pelagios feitos,  
Foge o medonho, espavorido espectro,  
Transpõe dos *Alpes* as nevadas grimpas,  
E as negras azas na espelunca bate,  
Da prostituta Roma—asylo digno !

« O progresso é uma lei... disséra o genio,  
« Immutavel principio, irrevogavel,  
« Que eterno rege das nações a marcha :  
« E és do progresso, meretriz c'roada,  
« Negro espantalho, desgraçada antithese !

Côrte, 1876.

---



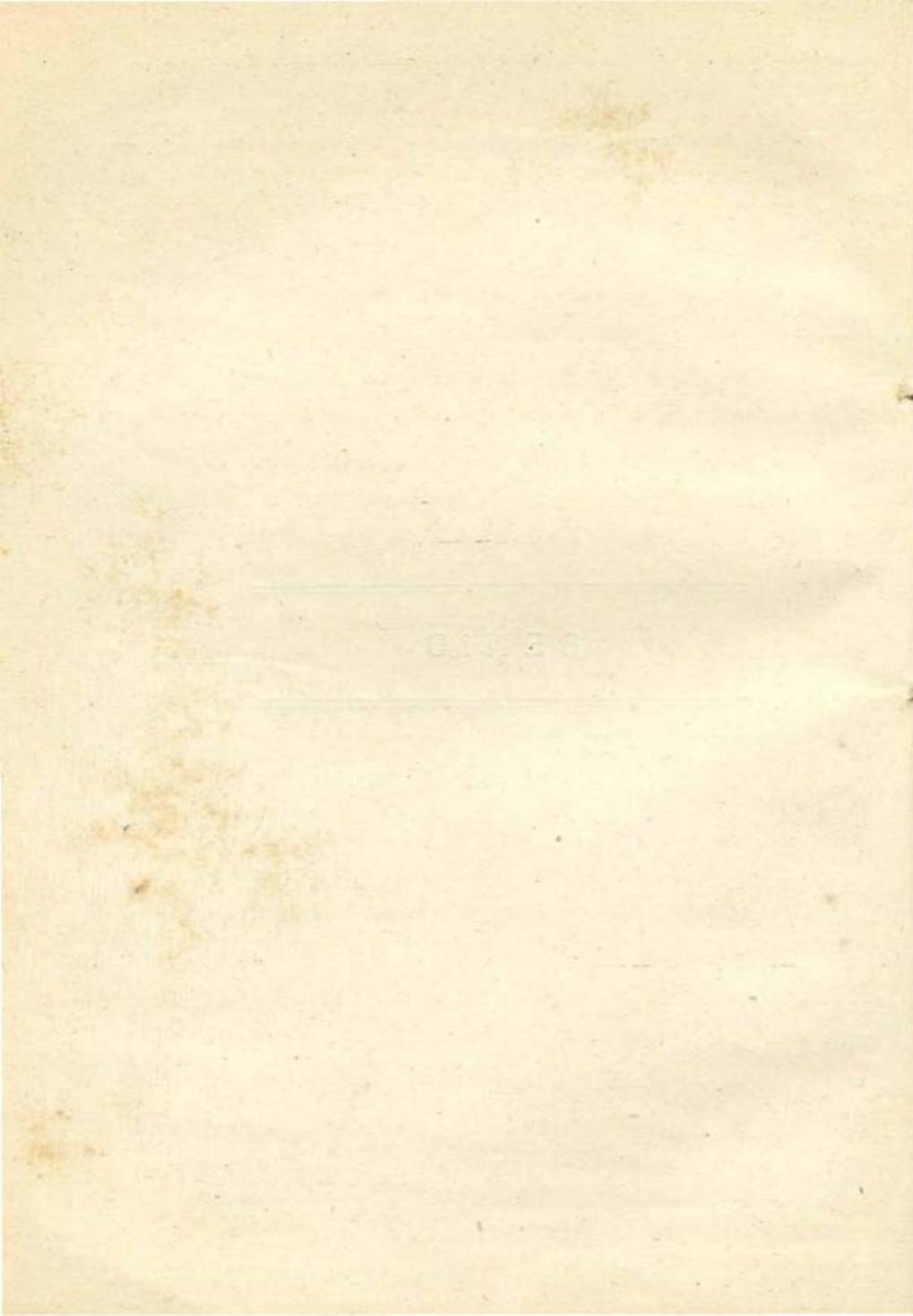
---

---

SENIO

---

---



## SENIO

Poesia feita p̄r occasião do anniversario da morte de  
José de Alencar.

---

Romeiro que seguiste a trilha d'esse norte,  
Onde ha trevas ou luz, ha vida eterna ou morte ?  
O' tu, cantor egregio, excelso pensador  
Que fulminaste o crime, o erro, o despudor,  
E com nobre altivez de uma alma grande, invicta,  
A fronte não curvaste aos golpes da vindicta ;  
Ah ! dize-me, se acaso, o genio foi profundo,  
A duvida de Hamleto arremessando ao mundo ? !  
Si não fôra illusão do craneo em desalento,  
Suppôr o nada allivio ao perennal tormento,  
D'um coração rasgado ás settas dessa dôr :  
— Reflecto de vingança e a transbordar de amor ? !  
O' duvida tremenda, eternidade ou nada,  
Sem a mente esmagar na tenebrosa entrada,

Quem pôde penetrar-te e dar um passo avante ? !  
Mas, não, cantor, eu ouço a tua vóz gigante,  
Como um protesto vivo á esmagadora idéa  
Que torna uma alma crente e ao mesmo tempo athéa :  
—Q'importa de Voltaire a negação atróz  
—Que géla os corações e faz tremer a voz,  
—Quando n'alma elle tinha o fogo abrasador  
—Que ao mundo o obrigava á dar um creador ?  
—Q'importa que a materia ao throno seja erguida  
—E o relativo estenda a dextra enregelida ?  
—Que façao de um bandido o *somite* do Christo  
—E abulão Jehovah, por ser painel já visto ?  
—Aqui, da esphera em meio, a luz da divindade,  
—Eu vejo borbulhar por sobre a humanidade ;  
—E quando a grande Obra, a creaçao sublime  
—Começa á s'estorcer nas trevas e no crime,  
—O bondadoso pai, de sancto amor reflecto,  
—A filha de sua alma, o seu prazer dilecto,  
—Não deixa perecer ás fauces de um abyssmo.  
—O' monstros de vaidade, ó monstros de egoismo,  
—Que derramais a dôr, o desespero, a morte,  
—Nos pobres corações de que roubais a sorte ;  
—Ouvi, eu vos imploro, a voz da consciencia  
—Que pede :—não quebreis o sceptro da sciencia,

— No erro colossal que proclamais verdade :  
— De ser ella o phanal de vossa impiedade !  
— Não lhe negueis a essencia, acérrimos atheus,  
— A verdade ella diz, mas a verdade é Deus !  
Ouvi-te e sinto n'alma o doce lenitivo  
Que só nos dão a fé e a crença no Deus-vivo.  
E se no meu transporte, á dôr do coração,  
Dos olhos meus rebenta o pranto em borbotão,  
E' que da patria eu ouço a triste voz, sentida,  
Que aos céos inda lamenta a funeral partida !  
Profunda é sua magua, a sua dôr extrema,  
E o pranto da saudade, o pranto de Iracema,  
Derrama sobre a campa, a gelida mórada,  
Onde d'alma repousa a perola roubada !  
E' que da cara esposa, envolta em negro véo,  
Eu vejo a fronte erguida á interrogar o céo ;  
E os tenros rebentões, as louras criancinhas,  
Por entre a multidão á desfilar, sosinhas !  
Que fazem ? Onde vão ? dos anjos qual o trilho ?  
O pranto da innocencia, as lagrimas de filho,  
Saudosos vão levar á quem lhes dera um nome,  
Que o seculo respeita e o tempo não consome !  
E' que do sabiá, o languido cantor,  
Eu ouço na floresta uma canção de dôr.

Oh ! desespero, oh ! magua, o pobre passarinho,  
Já não escutas mais, já não lhe dás carinho !  
Não vês ? a branca flôr, a candida açucena,  
Em goivo se tornou. O' doce brisa, amena,  
Embálde murmurais em torno á flôr mimosa,  
Já não tem mais frescor a pudibun la rosa !  
O monte, a serra, o valle, a natureza inteira  
De luto se cobrio, á hora derradeira,  
Em que soltaste d'alma a despedida atróz.  
O' morte, ó dura morte, ó negra sombra, apóz  
Um scintillar de genio, á descambar na historia,  
Porque roubaste á patria a fulgurante gloria ?  
Foi cedo, muito cedo ! á orbita gigante  
Descripto inda não tinha aquelle genio atlante.  
O gyro estava em meio, oh ! quantos sóes ainda,  
Terião de eclipsar-se á irradiação insinda,  
Da estrella, que ao surgir, no vasto céo da idéa,  
Um traço assinalou na lucta gigantéa,  
Que ha seis mil annos trava o pensamento humano,  
Em busca da verdade, e em batalhar insano.  
Cortaste d'aguia o vôo ás regiões da luz,  
A' esphera que derrama, em borbotões, a flux,  
Os louros do porvir, os divinaes poemas,  
Conquistas da razão nas pugnas extremas.

Porque privaste o genio, o coração d'eleito,  
Das honras immortaes do portentoso feito  
Que ás glorias do passado um pedestal erguia ?  
N'aquelle craneo, ó morte, um mundo enorme havia,  
Do qual jorrava a luz, em catadupas, tanta,  
Que as trevas espancou da estrada sacrosancta  
Que as gerações conduz ao templo esplendoroso,  
Que tem da liberdade o portico ditoso.  
A méta estava além, mas ah, q'importa um passo,  
Ao astro que não mede a vastidão do espaço ?  
Um pouco mais de vida e deslumbrante aurora  
Viria annunciar a memoravel hora ;  
A hora em que sagrando, a humanidade, um genio,  
A patria em commoção bradasse ao mundo —Senio !

---

Alto-Uruguay—1881.



|  |       |
|--|-------|
| Rimas innocentes, leitura para homens.....   | 18000 |
| Rimas poéticas, coleções de poesias livres.....  | 18000 |
| A revolução, poema, heróico-comico, cujo assumpto é a revolução de Maria da Fonte..... | 18000 |
| JOSE' AVILA DE MIRANDA OSORIO  |       |
| Primeiras estrofes.....  | 18000 |
| J. CUNHA CARDOSO   |       |
| Depois do trabalho.....  | 28000 |
| BRUNO SEABRA   |       |
| Cinzas de um livro.....  | 8400  |
| RAMOS DA COSTA   |       |
| Scintillações.....   | 18000 |
| ERNESTO RABELLO  |       |
| Contos e poesias Açorianas.....  | 18000 |
| CASTRO ALVES   |       |
| Espumas fluctuantes, edição popular com 22 poesias novas, 1 bello v.....               | 18000 |
| CASTRO LOPES   |       |
| Resurreições.....  | 28000 |
| THEOFILO DIAS  |       |
| Lyra dos Verdes annos.....   | 18000 |
| SYLVIO ROMERO  |       |
| Cantos do fim do seculo.....   | 28000 |
| GUIMARÃES  |       |
| Cantico dos canticos.....  | 8200  |
| ANTONIO CUBA   |       |
| Rabiscos.....  | 18000 |
| THOMAZ RIBEIRO   |       |
| A judia .....  | 8200  |
| MACHADO DA CUNHA   |       |
| Dentadas, satyras e epigrammas, com uma introdução de Francisco Cabral.....            | 18000 |
| MANOEL PESSOA DA SILVA   |       |
| Marquez do Paraná, poema .....   | 28000 |
| MANOEL ODORICO MENDES  |       |
| Iliada de Homero em verso portuguez.....   | 38000 |
| PADRE CORREA DE ALMEIDA  |       |
| Satyras e Epigrammas.....  | 18000 |
| A Republica dos tolos, poema heroico-comico-satyrica                                   | 28000 |
| Sopresa Poética, recitativos.....  | 8200  |

|  |         |
|--|---------|
| MARIO  |         |
| Versos, com introdução do Sr. Tapajoz.....   | 1\$000  |
| FRANCISCO DE PAULA BRITO   |         |
| Poesias.....   | 23000   |
| Fabulas organisadas em quadras.....  | 18000   |
| PEREIRA REGO   |         |
| Auroras e sombras, poesias lyricas.....  | 28000   |
| ANTONIO JOAQUIM ALVARES  |         |
| Horas Vagias.....  | 1\$000  |
| FREDERICO JOSE' CORREIA  |         |
| Inpirações poeticas.....   | 78000   |
| SARMIHÀ  |         |
| O suppliciado.....   | 18000   |
| XAVIER DA SILVA  |         |
| Quadros naturaes, 1 v. enc.....  | 28000   |
| C. DIAS  |         |
| Preludios lyricos 1 v. enc.....  | 38000   |
| VALENTIM MAGALHÃES E H. M. GALHÃES   |         |
| Vida de seu Juca, parodia á morte de D. João, de Guerra<br>Junqueiro.....                                  | 28000   |
| MANOEL BENICIO FONTINELLE  |         |
| Satanópolis, poema.....  | 24000   |
| MUCIO TEIXEIRA   |         |
| O inferno politico.....  | 5100    |
| PEDRO LUIZ   |         |
| Voluntarios da morte.....  | 8500    |
| MONTEIRO   |         |
| Elisia poetica ou collecção de poesias modernas de<br>autores portuguezes, obra rarissima e estimada, 5 v. | 15\$000 |
| JOAQUIM JOSE' TEIXEIRA   |         |
| Fabulas.....   | 28000   |
| Versos.....  | 38000   |
| MORAES SILVA   |         |
| Scintillas.....  | 18000   |
| AUGUSTO EMILIO ZALUAR  |         |
| Uruguayana.....  | 5500    |
| ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO  |         |
| Os ciumes do Bardo, poema.....   | 8200    |
| Os amores de Ovidio, 1º vol.   | 10800   |
| CAETANO FILgueiras   |         |
| Idyllos.....   | 28000   |

**No prelo**

A morte de D. João por Guerra Junqueira, 1 v..... 1\$500



